

SALDARINI, J. Anthony, *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*, tradução de Bárbara Theoto Lambert, São Paulo, Paulinas, 2000, 360 pp.

No calor das mais recentes discussões sobre o Evangelho de Mateus chega-nos às mãos esta obra de Anthony Saldarini, professor de Teologia e especialista em História Antiga e Estudos Bíblicos do Boston College (EUA), que muito tem a nos oferecer e esclarecer sobre o estado atual das discussões sobre a compreensão e a intenção primordial do texto mateano.

O autor pauta-se pelas mais recentes pesquisas do período do chamado Segundo Templo e do pós-guerra de 70 para elaborar sua interpretação do escrito mateano. Da atribuição de conteúdo mais anti-semítico que o evangelho de Mateus recebeu durante longo período da exegese moderna, a atual compreensão dá como que uma virada e começa a mostrar exatamente o oposto: o texto de Mateus é mais judaico do que imaginamos; é expressão de um grupo dissidente judaico que tenta, no contexto pluralista judaico do Segundo Templo e do pós-guerra de 70, impor sua visão e interpretação da vértebra do judaísmo deste período: a Torá e as tradições judaicas. O movimento de Jesus é um movimento intrajudaico: esta é a tese do autor. Este é um trabalho que começou a colocar fundamentos mais concisos e precisos a esta tese, seguido de outros autores que desenvolvem pesquisas paralelas na mesma área; entre eles J. Andrew Overman (Cf. OVERMAN, J. A., *Igreja e comunidade em crise: o evangelho segundo Mateus*, São Paulo, Paulinas, 1999, 471 pp.).

A obra está dividida em **oito partes** que entre si guardam certa autonomia, mas que conservam a linha de pensamento, nas quais o autor trabalha desde o lugar social do grupo e da obra mateana no judaísmo do século I, passando pela análise dos aspectos mais proeminentes que o texto aponta e que, provavelmente, constituíam o foco de atenção do autor mateano, até uma análise mais acurada do “personagem” principal do texto, Jesus, chegando às conseqüências que

esta exegese provoca em uma leitura de Mateus que a leve em consideração.

Não é porque considera o texto de Mateus um texto judaico que a cristologia do autor fica comprometida. Mateus e seu grupo são judeus que acreditam em Jesus como Messias e Filho de Deus. Segundo o autor o problema surge quando se considera Mateus a partir de uma leitura cristã tardia do texto e não dentro de seu contexto judaico do final do século I. Os grandes referenciais de leitura e interpretação dos textos evangélicos são do segundo ou do terceiro séculos da era cristã. Neste período o cristianismo já havia se distanciado bastante do judaísmo e qualquer análise que considere as informações deste período na compreensão do texto bíblico é anacrônica. O texto de Mateus é um texto judaico que tem um programa normativo para uma comunidade judaica e quer ver este programa triunfar sobre o de seus rivais. O autor considera ter a verdadeira interpretação da Torá, o que ele faz mediante a tradição de Jesus, que ele declara ser o Messias e Filho de Deus.

No primeiro capítulo - *Mateus no judaísmo do século I* - o autor faz uma análise do judaísmo do século I, anterior e posterior à destruição do Templo, e situa o evangelho de Mateus no contexto de diversidade do judaísmo deste período. "O judaísmo do século I e do século II era menos um produto acabado ou uma comunidade e tradição coerentes e mais um grupo de comunidades dentro de uma tradição variada e inconstante que se desenvolvia em direção ao sistema talmúdico abrangente, unificado e relativamente estável dos séculos mais tardios" (p.30). O grupo de Mateus fazia parte desta tradição maior e com ela se inteirava. O autor faz uma acareação do texto mateano com várias tradições e informes judaicos do período para reforçar sua tese. Não é possível definir fronteiras claras entre a comunidade judaica pós-destruição do Templo e o grupo judaico-cristão de Mateus.

Em um segundo momento - *O povo de Mateus: Israel* - continua a abordagem fazendo uma acurada análise da constituição do grupo mateano e dos que o cercavam. Especial atenção merecem as categorias *Israel, Povo, Judeus e Multidões*. O grupo mateano é visto como um grupo judaico que se relaciona vivamente com a comunidade judaica, mas tem uma visão diferenciada das tradições comuns.

A terceira unidade - *Os adversários de Mateus: os líderes de Israel* - apresenta a polêmica na qual o grupo mateano estava envolvido. A presença do conflito com os *líderes de Israel* é o atestado de que Mateus pertencia à tradição judaica maior. Seus ataques são dirigidos

aos líderes da comunidade judaica e aos que seguem esses líderes rejeitando o ensinamento de Mateus. Os ataques, do ponto de vista sociológico, são uma forma de fragmentar as bases da crença do adversário e convencê-lo mediante uma nova construção interpretativa. Fica clara a posição do autor de que Mateus não dirige seus ataques ao *Povo de Israel* como um todo, mas aos seus líderes, que estão em controvérsia com o grupo mateano. No dizer de Saldarini: "Mateus reserva seu veneno para líderes judaicos hostis e, ocasionalmente, para quem segue esses líderes em uma firme rejeição de Jesus" (p.119).

No quarto capítulo - *O horizonte de Mateus: as nações* - é feita a tratção da presença dos gentios, dos não-judeus, no texto de Mateus. Embora esses apareçam sempre em segundo plano e perifericamente na obra mateana, eles têm uma relação integral com Israel. Mateus se dirige primordialmente aos judeus, mas deixa abertas as fronteiras de seu grupo para os de fora também. Presente de diversas maneiras, os gentios, fazem parte do mundo judaico de Mateus. Alguns deles desempenham papel especial, como os magos, a mulher cananéia e o centurião ao pé da cruz. Quando Mateus enfatiza a presença e a fé dos não-judeus, faz disso um artifício para que seu grupo dê uma resposta mais convincente à sua fé. Contudo, como afirmamos, Mateus, mantém abertas as fronteiras para os gentios, desde que estes estejam dispostos a se aproximarem, positivamente, de Israel e de Jesus, confirmando suas tradições e a lei.

O grupo mateano de judeus seguidores de Jesus - é o foco de atenção do quinto capítulo. Através de "categorias sociológicas modernas, especialmente as suscitadas pelo estudo de dissidência, seitas e parentesco", o autor tenta descrever o grupo de Mateus em seu lugar no judaísmo. Diretamente não nos é possível saber nada sobre quem era, qual o seu tamanho, seus antecedentes, sua organização, relações internas e externas, seu lugar ou data de origem do grupo mateano. Mas recorrendo às categorias acima mencionadas, reflexamente é possível inferir alguns dados de conhecimento do grupo mateano. Fica claro que se tratava de um grupo dissidente, que lutava para reformar a sociedade judaica de seu tempo e que se unia fortemente pelos laços de parentesco, na falta de uma estrutura institucional mais firmemente constituída.

A discussão sobre a Lei e a verdadeira interpretação é assunto do sexto capítulo - *A Torá de Mateus*. Como outros subgrupos judaicos do século I, o grupo de Mateus também criou uma interpretação

própria da lei bíblica e das tradições judaicas. O texto de Mateus “defende cuidadosamente sua *interpretação da lei e dos costumes judaicos*, instituindo Jesus como mestre verdadeiro da lei e apresentando argumentos para confirmar suas opiniões” (p.205). Especial atenção merecem as *Leis do sábado*, as *Leis de pureza e dietéticas*, *Dizimos e impostos*, a *Lei do Divórcio*, os *Juramentos e votos* e a *Circuncisão*, temas cruciais que estavam em debate no final do século I, como atestam outras fontes judaicas do mesmo período que tratam também do assunto. O sermão da montanha (cap. 5-7), por excelência, constitui o centro da expressão dada por Mateus à Lei e às tradições judaicas.

O sétimo capítulo da obra - *Jesus, Messias e Filho de Deus* - faz uma abordagem do entendimento de Mateus sobre Jesus e sua importância no contexto do judaísmo no fim do século I. Não há ali uma cristologia estrita, no sentido que mais tarde aparece nos Concílios da Igreja. O que Mateus apresenta é a compreensão que ele e seu grupo tiveram da relação que Jesus tinha com o seu Deus. Entender Jesus é propriamente fazer teologia, ou seja, entender Deus através de Jesus de Nazaré. A experiência de Jesus, bem como do grupo mateano, é uma experiência mística compreendida no contexto do judaísmo do período, com suas tradições e diversidade. O autor relaciona Jesus com a tradição de seu povo e as expectativas do mesmo. A compreensão de Jesus nas categorias *filho de David*, *filho de Abraão*, *filho de Deus*, *mestre*, *Senhor*, *filho de(do) Homem*, são inteligíveis no contexto judaico do século I. Nada de extraordinário significa isto dentro das expectativas contextualizadas deste período. Menção especial recebe a relação de Jesus a *Moisés*, à *Sabedoria* e ao título de *Profeta*, muito presentes no texto de Mateus. “Todas as descrições e títulos que Mateus usa para explicar Jesus originavam-se do judaísmo no século I e eram imediatamente compreensíveis para sua comunidade judaica” (p. 312). Mateus professa Jesus o filho de Deus e sua messianidade perfeitamente dentro dos limites de compreensão do judaísmo do século I, e sem sair de sua órbita.

A última unidade é feita a modo de *Conclusão*. Aqui o autor faz uma avaliação da argumentação de que se valeu na construção de seu texto, para afirmar a origem judaica do texto de Mateus e sua contextualização dentro de uma tradição ampla de controvérsias e busca da verdadeira identidade de Israel. De modo cabal afirma o autor: “Este estudo conclui que o evangelho de Mateus dirige-se a um grupo dissidente na comunidade judaica da grande Síria, uma seita reformista que procura influência e poder (relativamente sem sucesso) na comunidade judaica

como um todo" (p. 320). Alhures, ainda, esta perspectiva da compreensão do texto de Mateus é positiva tanto para cristãos como para judeus, pois permite, juntamente com outros documentos similares do mesmo período, uma melhor compreensão da matriz criativa da qual originou tanto o cristianismo como o judaísmo rabínico subsequente.

A comunidade judaico-cristã de Mateus é uma boa oportunidade de introdução e compreensão mais ampla a esta nova interpretação que se desenvolve do evangelho de Mateus. É uma leitura imprescindível para quem quer se aventurar pelo mundo da exegese mateana em seu contexto plural e multifacetado.

Carlos Alberto Rodrigues Jorge cursa o 3º ano de Teologia no ITCR da PUC-Campinas.

